

A formação permanente do professor – um imperativo ético

Pedro Elói Rech¹²⁷

Submetido e aprovado em maio de 2016.

“Sabes, pai, gosto de pensar que nunca mais vou ficar sozinho e que alguém há de ficar comigo para sempre sem me abandonar.

O Crisóstomo disse ao Camilo: todos nascemos filhos de mil pais e de mais de mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se nossos mil pais e as nossas mais de mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós”.

Valter Hugo Mãe, em O Filho de Mil Homens.

Gostaria de começar, resgatando um pouco da memória do nosso sindicato. Em 1992, eu estava na direção do Núcleo Sindical de Umuarama, quando para lá levamos, para uma fala maravilhosa, o professor Paulo Freire. 20 anos depois, ou seja, em 2012, a sua fala foi transcrita para um caderno - *Dialogando com Paulo Freire*. Paulo Freire nos fazia belíssimas exortações, sobre a formação do professor e a necessidade de se ter clareza política. A clareza política somada com os nossos sonhos e o compromisso com a lealdade a estes sonhos. Só assim saberemos com quem eu trabalho e em favor de quem eu trabalho e nunca para quem ou sobre quem eu trabalho.

Falava-nos também, já especificamente da alfabetização, que o educador tem que ter a noção de consciência de classe e noções básicas de linguagem, para entender e se fazer entender com os seus interlocutores. E por fim nos exortava: “O educador da escola pública brasileira não tem culpa, inclusive, de sua incompetência, mesmo quando ele não é competente. A culpa é do Estado”. E ainda nos exortava para que não deixássemos a nossa formação continuada e permanente, exclusivamente, nas mãos do Estado, sob o risco de ela sofrer graves reduções. O sindicato deve e pode assumir parte dessa formação. Ele deve testemunhar para a categoria que ele tem essa possibilidade.

¹²⁷ Professor Doutor (PUC PR) em Filosofia, Emérito da Rede Estadual de Educação do Paraná. E mail: pedroeloirech@uol.com.br.

E nós estamos aqui, no lançamento deste projeto, testemunhando que temos sim, a possibilidade de aceitar a parcela que nos cabe. Nós, aqui hoje, estamos aceitando o desafio desta exortação. É um tributo que lhe devemos.

Ainda na memória, quando em 1993, lançávamos o grupo OPA para a direção estadual do sindicato, três núcleos sindicais, que faziam oposição, já faziam trabalhos de formação. Eram os núcleos de Curitiba, de Paranavaí e Umuarama. Inclusive, foi nestes trabalhos que eu pessoalmente conheci o professor João Wanderlei Geraldty, hoje aqui presente, nos falando da identidade do professor. Foi nestes trabalhos que se fez a articulação da chapa que disputaria as eleições para a direção estadual. Este grupo, de uma forma ou outra, com as fraturas ocorridas na última eleição, ainda está na direção.

A natureza classista e corporativista, porque não, ocupa muito tempo das atividades sindicais e muitas vezes, isso faz com que as suas atividades sejam por demais envolvidas no cotidiano e na sua burocratização. Muitas vezes a *práxis* fica um pouco esquecida e a reflexão sobre as atividades do cotidiano fica subsumida pela rotina do ativismo.

Este dia de hoje é, para mim, um dia de uma felicidade imensa. E também de perturbação. Articular orientação na formação é tarefa gratificante, mas desde que vi em Freud o questionamento sobre “o que este cara aí da frente quer da gente”, o meu sossego diminuiu muito.

A questão da formação do ser humano exige algumas reflexões de ordem ontológica, remetendo ao próprio processo de humanização do ser humano. A principal característica do humano é que, além de sermos animais, a nossa primeira natureza, somos seres culturais. Sermos seres culturais é a nossa segunda natureza e é o que, fundamentalmente, nos diferencia da ordem natural. Gostaria de ter tempo para aprofundar e relativizar estas afirmações.

No que consiste essa nossa segunda natureza, essa nossa marca de sermos seres culturais? É o fato de que somos seres de relação. E disto segue outra questão fundamental. A pergunta agora passa a ser - com quem nos relacionamos? A resposta é simples. Nossos relacionamos se dão com a natureza, com os outros e conosco mesmos. Outra pergunta. Por que e como nos relacionamos e quais são as consequências desses relacionamentos? Vamos por etapas.

Relacionamo-nos com a natureza, assim como os animais e dela tiramos a nossa subsistência. A forma como fazemos isso, e já diferentemente dos animais, é pelo

trabalho. Pelo trabalho humano, concebido como *práxis*, que poderia ser assim definido com a frase de Marx: “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera”. O trabalho é uma construção da mente e da mão, mediando a concepção com a execução. É trabalho criativo e não trabalho mecânico e repetitivo. Esta também é uma questão fundamental na construção da identidade do professor.

Relacionamo-nos com os outros. “Nós somos as relações que estabelecemos com os outros”. Essas relações sempre vêm mediadas por um coeficiente de poder. Sem a percepção da existência do outro não teríamos nem sequer a percepção de nossa própria existência. Somando as relações que estabelecemos com a natureza e com os outros, também estabelecemos relações conosco mesmos, dando-nos a dimensão da subjetividade.

Da soma das três relações formamos o mundo da cultura, e podemos buscar em Freud, em *O futuro de uma ilusão*, uma primeira definição: “Como se sabe, a cultura humana – me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos”. Cultura é, portanto, a soma de todas as invenções ou criações humanas.

Creio que Brecht nos dá um belo auxílio na compreensão do termo cultura.

Nós vos pedimos com insistência:

Nunca digam – Isso é natural!

Diante dos acontecimentos de cada dia,

Numa época em que corre o sangue

Em que o arbítrio tem a força da lei,

Em que a humanidade se desumaniza,

Não digam nunca: Isso é natural.

A fim de que nada passe por imutável.

Marquemos bem. A cultura é uma invenção humana. Se ela é uma invenção humana, ela é passível de mudanças, de transformações. Mas vamos ainda insistir nas relações que estabelecemos. Primeiro com a natureza. Já vimos que, com ela nos relacionamos pelo trabalho, para dela tirarmos a nossa subsistência. Também já vimos que o trabalho pode ser concebido como *práxis*, mas que também pode ser concebido

como mecânico e repetitivo, ou alienado. O trabalho é uma das principais categorias com as quais a filosofia trabalha.

Quando Marx investiga sobre a origem das desigualdades sociais ele, fundamentalmente, aponta duas causas: A propriedade privada e a divisão social do trabalho. É fácil a percepção de que a propriedade se origina do trabalho. O trabalho é fundamental no estabelecimento das relações sociais, que, como já vimos, sempre vêm mediadas por um coeficiente de poder. Neste mundo das relações com a natureza e com os outros se forma aquilo que Marx chamou de infraestrutura da sociedade. É nela que se localizam as grandes contradições que geram os conflitos.

Numa de minhas recentes leituras, *Minha Paris – Minha memória* - de Edgar Morin, encontrei a seguinte frase: “Embora o conceito de complexidade ainda não estivesse no meu horizonte, era um trabalho complexo que eu realizava ali (Uma pesquisa sobre a morte): conexão entre conhecimentos distintos, em geral compartimentados, identificação de contradições que meu espírito hegeliano-marxista me levava a detectar em lugares onde são ignorados pelo pensamento binário”. Por que trago esta frase? Porque a considero fundamental para entender a formação da cultura ocidental, que se cristalizou nesta visão binária, da separação entre o bem e o mal, entre o espírito e o corpo. E este conceito impregnou também toda a moral ocidental.

Em Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, aprendi que antes da racionalização do mundo, no tempo da tragédia grega, havia uma interpretação unitária do ser humano. Bem e mal integravam uma única realidade, eram os seus elementos constituintes. O apolíneo e o dionisíaco, as divindades do bem e do mal, viviam em equilíbrio e não em conflito. Equilíbrio era a palavra chave da moral.

Diz um dito famoso, que toda a filosofia ocidental são notas de rodapé a Platão. Com Platão começamos a entrar no mundo das simbolizações, no mundo da construção de valores, que tendem para a universalização. Platão pode ser considerado o primeiro grande pensador positivista do mundo. As mentes iluminadas dão a direção para o mundo. O que são as mentes iluminadas senão a expressão viva da divisão social do trabalho, que como vimos, é uma das causas da origem das desigualdades. Agora entramos naquilo que Marx chamava de superestrutura da sociedade.

A modelação da cultura ocidental, no entanto, não está completa. Existe uma religião que está em ascensão, fruto de uma ruptura no judaísmo. O cristianismo. Quando este cristianismo deixa de ser a igreja de Cristo para se tornar a religião do

Estado, a religião do Império Romano, sob Constantino, ela abraça Platão e o cristianiza. Institui-se a ortodoxia e lança-se o anátema a toda a heterodoxia. Já no século IV se instituiu o pensamento único, sob a égide de Constantino. E o pensamento único é o não pensar. A história nos conta sobre a Idade Média. Havia então maior submissão, fato que gerava uma violência menor.

Com a afirmação do mundo da modernidade, uma nova ordem econômica se estabelece. E esta nova ordem econômica muda todas as estruturas de funcionamento da sociedade. Viagens marítimas e descobrimentos, Humanismo e Renascimento, Reforma Protestante e Contra Reforma e a afirmação da racionalidade. Esta nova organização sofre a violenta repressão das antigas estruturas de poder que insistem em permanecer e que são representadas, especialmente, pela igreja católica e o seu instrumento do Santo Ofício e os autos de fé. Festas memoráveis levavam implacavelmente para a fogueira, todos os que ousavam desafiar. Sob o símbolo da cruz e da espada, novos povos foram dominados. Os negros serviram para a escravidão e as populações indígenas sofreram seguidos genocídios, até praticamente serem exterminadas. O Santo Ofício produziu muito sangue e nenhuma verdade.

O novo sistema econômico, o capitalismo em seus alvares, precisava de “ordem”. Ao governante caberia governar, isto é, manter a ordem em favor da nova classe protagonista das transformações, a classe burguesa. Maquiavel traça estruturas de poder ilimitado. Mas é Thomas Hobbes quem melhor define esse novo quadro que se estabelece. Num sistema em que todos os indivíduos competem entre si, gera-se a guerra de todos contra todos, expressa na famosa frase do *homo homini lúpus*. Seria a guerra total. E esta guerra total só poderia ser evitada pela submissão total. É o Estado Leviatã, o monstro bíblico que a todos apavora. Desde cedo Hobbes percebeu a incompatibilidade entre o capitalismo que nascia, com a democracia, que a racionalidade do iluminismo procurava afirmar.

O mundo ganha uma nova religião, na qual a prosperidade passa a ser um valor absoluto e um sinal das preferências divinas. Deus celebra uma nova aliança, não mais com Israel, mas com os Estados Unidos, a terra da liberdade e da prosperidade. A estrutura filosófica, religiosa e moral continuam binárias, separando mente e corpo, supervalorizando a mente e menosprezando o corpo. Por esses dias ouvi Jessé Souza (o autor de *A Tolice da inteligência brasileira*) fazer um apêndice em sua fala para dizer que aí está toda a raiz machista de nossa sociedade, porque o homem é visto como mente e a mulher como corpo. Superioridade e inferioridade. O iluminismo, embora

gerando grandes pensadores e belos projetos, acaba sucumbindo àquilo que se chamou de razão técnica ou instrumental. A razão passou a fazer cálculos em favor da acumulação do capital.

O novo sistema, o do capitalismo, se afirmou pelas revoluções burguesas e não por revoluções populares. Como ele é um projeto alicerçado em classes sociais, ele precisou e precisa de simulacros para chegar e se manter no poder. Mais uma vez ele recorre à divisão social do trabalho para produzir ideologia, a ideologia da igualdade, da meritocracia e da própria democracia, ou no dizer de Márcia Tiburi no seu fabuloso *Como conversar com um fascista*, que a sedução capitalista que escamoteia a opressão organiza-se por uma constelação de palavras mágicas, pelas quais todos conseguem realizar os seus desejos. “Palavras como felicidade, ética, liberdade, oportunidade, mérito, são todas mágicas. Uma dessas palavras mágicas usadas pelo capitalismo é a palavra ‘democracia’. Antidemocrático, o capitalismo precisa ocultar sua única democracia verdadeira – a partilha da miséria”. Um sistema de ocultamentos.

Como funciona este sistema de ocultamentos? Trago aqui duas frases como ilustração. Uma é de Marx. “Se a aparência fosse igual à essência não haveria a necessidade da ciência”. A outra é do grande educador, Dermeval Saviani, quando fala dos objetivos da educação, que se expressa mais ou menos assim: - Do pensamento sincrético se chega ao pensamento sintético, pela mediação da análise. Se a aparência não é igual à essência, se estamos todos imbuídos de um pensamento sincrético e precisamos avançar para o pensamento sintético, para a essência, precisamos de formação, precisamos de conhecimento, precisamos de teoria.

A razão calculista e instrumental também nos trouxe a indústria cultural, nos propondo mais diversão e menos reflexão, preenchendo o nosso tempo livre. A tecnologia, especialmente com a chegada da televisão, subverteu o processo de comunicação, transformando-a em meros comunicados, em espectadores passivos que não interagem. A cultura de massas. Onde ficariam as singularidades?

Da fala de Paulo Freire, lá de 1992, em Umuarama, eu lembro quando ele falava da elite brasileira. Ele dizia conhecer o mundo inteiro e que por isso podia afirmar, com toda a convicção, que a elite brasileira é a elite mais perversa do mundo. Por esses dias vi o vídeo do presidente da FIESP, falando do fim dos direitos trabalhistas. Foi um dos mais violentos discursos de pregação de luta de classes que eu já vi. Se o trabalhador quiser, perguntava ele, por que não mudar toda a legislação trabalhista? Olhem a

desproporção da relação. Em tempos de crise, nem mesmo a simulações eles recorrem. Crise, afinal de contas, é uma invenção do capital, para efeitos de acumulação.

Estando em Igarassu, cidade pernambucana, onde o governador Duarte Coelho aportou e onde está a primeira igreja do Brasil, ainda em funcionamento, o menino guia nos dizia. Aqui Portugal ordenou a matança dos índios caetés, porque eles eram muito ferozes e não se submetiam à escravidão. A igreja leva o nome de São Cosme e São Damião, porque no dia destes santos (27 de setembro de 1535) ocorreu o massacre dos indígenas. Certamente acreditaram que foram ajudados por estes santos e por Deus.

A história do Brasil é uma história de violência. Violência simbólica e real. A cruz e a espada. No entanto, o que nos dizem os intérpretes de nossa história e cultura? Falam-nos da comunhão pascal das raças, do povo cordial, do povo da alegria, do carnaval e do futebol, da miséria lúdica, e disseminam uma estranha crença na infinita possibilidade de conciliação de interesses entre as classes. Não teria sido este o principal erro de Lula, nos seus anos no poder? Vejamos, neste sentido, um trecho da crônica de Luís Fernando Veríssimo de 14 de abril de 2016: “Mais...mais. Foi o fim de uma ilusão que qualquer governo com pretensões sociais - poderia conviver, em qualquer lugar do mundo, com os donos do dinheiro e uma plutocracia conservadora sem que cedo ou tarde houvesse um conflito, e uma tentativa de aniquilamento da discrepância. Um governo para os pobres, mais do que um incômodo político para o conservadorismo dominante, era um mau exemplo, uma ameaça inadmissível para a fortaleza do poder real. Era preciso acabar com a ameaça e jogar sal em cima. Era isso que estava acontecendo”. No estudo das revoltas populares no Brasil, e da violência com a qual eles foram exterminados, centraremos o nosso foco de estudo, num dos próximos temas deste curso de formação.

Apenas para lembrar mais um fato, de muita violência, próximo de nós. Neste ano de 2016 “celebramos” o centenário do fim da Guerra do Contestado, que só terminou com a morte dos últimos colonos que resistiram à abertura do Brasil aos interesses estrangeiros e do latifúndio. O mesmo ocorrera alguns anos antes, num episódio mais conhecido, por causa da brilhante pena de Euclides da Cunha, com o extermínio total e completo de Canudos, da figura mística do beato Antônio Conselheiro. Aliás, a presença de beatos em nossa história, também seria um belo objeto de estudo. A oposição entre os padres e os beatos.

Recentemente eu li e ouvi uma palestra de Jessé Souza. O seu livro recebe o título de - *A Tolice da inteligência brasileira - ou como o país se deixa manipular pela*

elite. Uma de suas expressões, que eu adorei, foi a de que no Brasil é feito todo um esforço para intelectualizar o senso comum. Passando por todos os intérpretes do Brasil, mostra as incoerências e os erros de alguns e a má fé de outros. Qual é, segundo ele, o maior problema do Brasil. É de longe a sua escandalosa distribuição de renda. 1% da elite tem a mesma riqueza que os outros 99% da população. Qual é a origem desta acumulação. A apropriação privada do Estado, por uma série de concessões, melhor, de apropriação de privilégios. Mas os direitos não podem ser assim percebidos. Eles precisam ser vistos sob a ótica dos direitos e da *meritocracia*. Mais uma vez percebemos o jogo de simulações. Por isso, para as elites, a intelectualização do senso comum se torna uma prioridade. As elites veem no combate à corrupção, um desvio de foco dos verdadeiros problemas.

De Jessé Souza tomo também outra expressão. “racismo cultural”. O que seria este racismo cultural? Seria um transcender do elemento racial, para indicar um branco idealizado, não apenas o negro, mas o homem idolatrado pelo sistema capitalista. O homem branco europeu e norte americano, calvinista e empreendedor, que com a ajuda de Deus, recebeu e ostenta os sinais da prosperidade. Assim o racismo atinge todos os povos pobres, mesmo brancos, como todos os povos da América Latina. A dominação lhes será benfazeja, uma vez que carecem de autodeterminação.

Este homem é o homem competitivo, que reduziu a sua vida ao econômico, o homem da guerra de todos contra todos; o homem que quer impor aos outros a figura do Estado Leviatã. Este é o homem que carrega dentro de si, em potencial, a personalidade autoritária, pronta para explodir e tão exaustivamente estudada por Adorno e sua equipe de pesquisadores, para tentar encontrar explicações para o surgimento do nazismo fascista.

Este homem é absolutamente incapaz de ter bons sentimentos. Este é um homem recluso, fechado em si mesmo, com um potencial de ódio, sempre prestes a explodir. Pergunto. Este homem é bem formado? Ou é a este homem que se aplica a teoria da semiformação, que como nos alertava Adorno, não é o início da formação, mas o seu oposto.

Há muito trago comigo o livro de Albert Jacquard, *Filosofia para não filósofos*. Nele lemos: “Eu sou os vínculos que vou tecendo com os outros”. E, depois de constatar a impossibilidade da tomada de consciência sem a presença do outro, Jacquard nos alerta: “É essa coexistência que é fonte de tensão; ela inicia uma dinâmica, a da

comunicação. Comunicar é colocar em comum; e colocar em comum é o ato que nos constitui. Se alguém considera esse ato impossível, recusa qualquer projeto humano”.

Em recente texto publicado no blog *O outro – Inferno ou paraíso*, eu faço mais algumas reflexões. Se colocar em comum é o ato que nos constitui e que possibilita o humano, como são as relações entre os seres humanos? Elas devem ser relações de verticalidade ou de horizontalidade? As leis morais e éticas devem brotar da metafísica, hierarquicamente impostas pelos sacerdotes, ou por aqueles que na divisão social do trabalho ocupam as funções mais elevadas, ou elas devem brotar da convivência do cotidiano? Qual é palavra que deve dominar as relações que se estabelecem? A palavra respeito ou tolerância? Vejam bem as marcas da nossa cultura, da nossa sociedade, em que a palavra tolerância é aceita como uma grande palavra. Pensem um pouco sobre o como foi o nosso processo de formação. As primeiras lições que aprendemos, não foram, por acaso, as da catequese? Discurso ou diálogo?

Neste post eu também lembro D. Hélder Câmara: “Se discordas de mim, tu me enriqueces”. E complementa: “Ter ao próprio lado quem só sabe dizer amém, quem concorda sempre, de antemão e incondicionalmente, não é ter um companheiro mas, sim, uma sombra de si mesmo”.

Aliás, dizer sempre amém, de antemão e incondicionalmente, com a imersão em coletivos, segundo Adorno, em seu clássico *Educação após Auschwitz*, quando pergunta sobre as causas que geraram Auschwitz, ele certamente nos aponta que é: “A identificação cega com o coletivo”. O sindicato não pode fugir do debate deste tema.

Como preciso encerrar, vou procurando alguns termos. Rubens Casara na apresentação do livro de Márcia Tiburi, *Como conversar com um fascista*, nos conta uma fábula oriental. Nela um homem teve a sua boca invadida por uma serpente, enquanto dormia. A sua liberdade desapareceu, ele estava à mercê da serpente. Ele já não mais se pertencia. Estava sob o domínio da serpente. Figurativamente, esta serpente está entranhada, não no nosso estômago, mas em nossa cultura, em nosso cotidiano do senso comum. Muito mais do que cultivar o ovo da serpente, usando a imagem de Bergman, esta serpente já está muito viva e entranhada em nós. Casara então nos convida para vomitar esta serpente e assim recuperarmos o humano em nossas vidas.

De uma fala de Márcia Tiburi, promovida pelo Núcleo de Criminologia e Política Criminal, do curso de Direito da UFPR, depois de muito falar da importância da alteridade e da linguagem, ela construiu um jogo dialético entre as palavras amor, ódio e inveja. O pior sentimento humano não é o ódio, porque ele, pela dialética, é capaz,

inclusive, de suscitar o amor, o que jamais acontecerá com aquele que se nutre do sentimento da inveja. O seu cotidiano será feito de humilhações e de xingamentos. Depois dessa reflexão ela fez um grande convite ao conagraamento e à aprendizagem com o outro. Nenhuma formação pode prescindir de ouvir o outro, o diferente, o plural.

Quando falamos que o mundo do iluminismo, da racionalidade se transformou numa racionalidade técnica e instrumental a serviço do capitalismo, também temos que apontar para a sua insuficiência para explicar a realidade complexa do humano. Há mais ou menos um ano eu ouvia uma fala de Leonardo Boff. O tema era - O cuidado de si, do outro e do mundo.

Nesta fala e em seu livro – *Francisco de Assis e Francisco de Roma*, ele nos alerta que “toda a modernidade se construiu quase que exclusivamente sobre a inteligência intelectual; ela nos trouxe incontáveis comodidades. Mas não nos fez mais integrados e mais felizes porque colocou em segundo plano ou até recalçou a inteligência emocional ou cordial e negou cidadania à inteligência espiritual”. Esta seria uma grande indicação para uma formação em seu sentido pleno: a integração entre estas três inteligências. A racional ou intelectual, do mundo da ciência, a cordial para a afetividade das coisas do coração e a espiritual para tudo aquilo que nos diz sobre a transcendência.

Por fim, retomo uma fala de Jessé Souza. Na Aula Magna que ele proferiu na abertura do ano letivo de 2016, no curso de Direito da UFPR, ele concluiu falando sobre a relação entre a mídia e a democracia. Afirmou que a democracia não se dá pelo voto, mas sim, pelo voto consciente. Para isso a mídia deve ser tão democrática para que na sua comunicação ela permita aos leitores, ouvintes ou telespectadores a percepção de que vivemos numa sociedade em que existem contradições. Quero acrescentar dizendo, que a qualidade da educação também deve, além do conhecimento específico das disciplinas, permitir que os educandos, pela formação de uma consciência crítica, também possam flagrar as enormes contradições em que está mergulhada a nossa sociedade. E a nossa formação de educadores deve transitar por esse caminho.

É por essa razão que estamos aqui reunidos, iniciando este programa de formação. Para que não mais vejamos colegas nossos, muito queridos, assumir as lutas corporativas do sindicato, se submeter a bombas e bombardeios, mas que, nas grandes causas, que exigem visões de mundo mais abrangentes, eles abracem ideias contrárias às de sua classe, abraçando, inclusive, autoritarismos absolutamente desumanizantes. Alguns *lumpen* são inevitáveis.

É nessa perspectiva que iniciamos este curso. Pela nossa formação permanente recuperarmos a nossa identidade, e essa identidade necessariamente passa pelo nosso trabalho como *práxis*, o que também mexe profundamente com a nossa autoestima. Que tenhamos muito êxito neste empreendimento e que os filhos e filhas dos trabalhadores, ou seja, os alunos da escola pública sejam os grandes beneficiados deste nosso trabalho.

E para concluir, voltamos ao nosso começo:

“Sabes, pai, gosto de pensar que nunca mais vou ficar sozinho e que alguém há de ficar comigo para sempre sem me abandonar.

O Crisóstomo disse ao Camilo: todos nascemos filhos de mil pais e de mais de mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se nossos mil pais e as nossas mais de mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós”.